

**A FORMAÇÃO DO ESPAÇO URBANO DE CHAPECÓ-SC:  
UMA ANÁLISE ESPAÇO-TEMPORAL**

**THE FORMATION OF THE URBAN SPACE OF CHAPECÓ-SC:  
A SPACE-TEMPORAL ANALYSIS**

**Crislaine Motter<sup>1</sup> & Vitor Ribeiro Filho<sup>2</sup>**

<sup>1</sup> Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Rua Delmira C. R. da Cunha, 1160, ap 402, Santa Mônica, 38408-208, Uberlândia – Minas Gerais, Brasil  
Email: crislaine.m@gmail.com

<sup>2</sup> Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Av. João Naves de Ávila, 2121, bl H, Santa Mônica, 38408-100, Uberlândia – Minas Gerais, Brasil  
Email: ribeirofilho.vitor@gmail.com

Recebido 5 de Julho de 2016, aceito 31 de Agosto de 2017

**RESUMO** - O presente estudo busca analisar as principais dinâmicas do uso do território no oeste de Santa Catarina, e os principais atores envolvidos na origem do espaço urbano de Chapecó, desde o século XVIII até o período atual. Como recurso teórico-metodológico, buscamos encontrar períodos significativos que deem conta de compreender os principais eventos que marcaram esse território e que influenciaram a atual configuração sócio espacial. Dentre as dinâmicas ocorridas nessa região, destacam-se a influência dos tropeiros, os conflitos territoriais, a emancipação do município, os projetos de colonização governamental e a consolidação da agroindústria como principal responsável pelo desenvolvimento agrário da região oeste e do espaço urbano de Chapecó.

**Palavras-chave:** regionalização, urbanização, espaço urbano, Chapecó/SC.

**ABSTRACT** - The present study aims to analyze the main dynamics of the use of the territory in the west of Santa Catarina and the main actors involved in the origin of the urban space of Chapecó, since the XVIII century until nowadays. As theoretical and methodological approach, we search significant periods that give account understand the main events that have marked this territory and influenced the current socio-spatial configuration. Among the dynamics occurred, stand out the influence of drovers, territorial conflicts, the emancipation of the municipality, the projects of governmental colonization and the consolidation of agribusiness as primarily responsible for agrarian development of the western region and the urban space of Chapecó.

**Keywords:** regionalization, urbanization, urban space, Chapecó/SC.

## INTRODUÇÃO

A cidade de Chapecó, considerada ‘polo regional’ dada sua importância econômica e sua gama de atividades e funções capazes de atender à demanda de sua região, está localizada no oeste do estado de Santa Catarina (figura 1) e possui cerca de 180 mil habitantes, entre os quais mais de 91% reside na área urbana (IBGE, 2010). Contudo, sua concentração populacional deu-se a partir da década de 1970, em virtude do desenvolvimento da atividade agroindustrial. Nesse período, houve uma intensa migração do campo para a cidade, tanto em função da exclusão de pequenos agricultores do processo produtivo agroindustrial (PERTILE, 2007), como pelas novas oportunidades de emprego geradas pela indústria processadora de carne de aves e suínos instaladas na cidade.

A ocupação da região Oeste catarinense deu-se a partir do século XVIII, quando fazendeiros e posseiros que viviam em economia de subsistência – plantando apenas para o consumo, em um local desprovido de infraestrutura e meios de acesso – foram influenciados pela passagem dos tropeiros. No ano de 1917, com a criação do município de Chapecó, propiciada por um projeto de colonização governamental, novas lógicas marcaram a organização territorial do local, em virtude da ação das

empresas colonizadoras. Com a migração de descendentes de italianos e alemães vindos do Rio Grande do Sul, a comercialização de suínos e a agricultura familiar se estabeleceram como as principais características da região. A comercialização dos excedentes agrícolas, então, possibilitou aos comerciantes que faziam a intermediação entre os produtores rurais e as agroindústrias localizadas em outros estados constituírem seu capital inicial, contribuindo para o desenvolvimento da cidade em seus primórdios. Posteriormente, os frigoríficos começaram a se destacar como principais agentes produtores do espaço urbano de Chapecó e também do espaço agrário em seu entorno. A partir da década de 1970, entretanto, o novo toma mais sentido na cidade, quando o capital, utilizando-se da hegemonia da agroindústria, passou a ditar normas e leis que não são mais providas do local, “pois forças externas atuam fazendo-os adaptarem-se, nos últimos anos, a mais uma etapa de internacionalização do capital” (ALBA, 2002, p. 34).

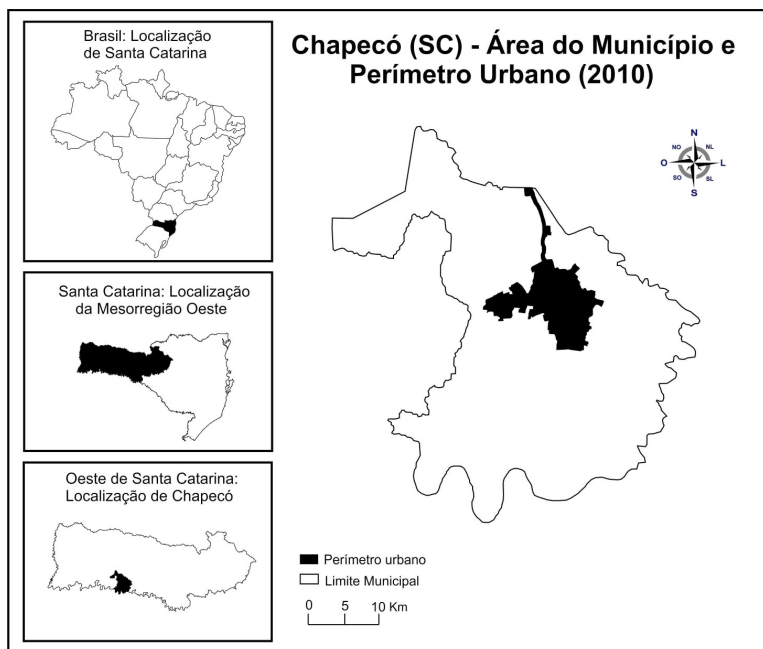


Figura 1 - Localização de Chapecó-SC. Fonte: IBGE, 2010 e Prefeitura Municipal de Chapecó. Elaboração do autor.

Conforme aponta Mior (2007), a região Oeste Catarinense possui o maior *cluster* agroindustrial de carne de aves e suínos do Brasil. A atividade agroindustrial, ressalta o autor, é a responsável pela maior parte das exportações e possui grande influência na dinâmica econômica tanto de Chapecó quanto de toda a região. A partir dessas considerações, o objetivo de nosso trabalho é analisar as principais dinâmicas no uso do território do Oeste de Santa Catarina e os principais atores envolvidos na formação do espaço urbano de Chapecó, desde o início da ocupação da região (século XVIII), até o período atual.

Para compreendermos a atual dinâmica urbana desta cidade, trataremos aqui de relatar um breve histórico da região Oeste e a formação de Chapecó, buscando demonstrar as principais ações que modificaram esse espaço e os principais atores envolvidos neste processo. Assim, como recurso teórico-metodológico, buscamos encontrar períodos significativos ou ‘rupturas’ que deem conta de compreender desde o início da ocupação do Oeste Catarinense até a configuração atual do espaço urbano de Chapecó, com destaque para os principais processos e agentes que ditaram características marcantes na constituição socioespacial do município.

### **DE VAZIO DEMOGRÁFICO À POLO REGIONAL: A FORMAÇÃO DO ESPAÇO URBANO DE CHAPECÓ**

O espaço geográfico, como propôs Milton Santos (1996), é resultado de um conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações. Esse espaço, que é solidário e também contraditório (SANTOS, 1996), implica na existência de uma localização material e relacional de eventos que dão conteúdo ao território. É desse modo que:

*Os eventos criam, de um lado, uma continuidade temporal, susceptível de ser cindida em períodos significativos e, de outro, uma coerência espacial que é dada pelos sistemas de eventos nos lugares. Constrói-se, a cada momento histórico, uma extensão dos fenômenos no lugar, que é uma manifestação da coerência do real. (SILVEIRA, 1999, p. 22).*

Essa manifestação do real expressa pela noção de evento permite analisar distintas situações geográficas, destacando períodos fundamentais para sua interpretação. Para compreender a atual configuração territorial do município de Chapecó, torna-se fundamental realizar um esforço de periodização, interpretando os diferentes eventos ou rupturas que culminaram em sua atual configuração territorial.

### **A CONSTITUIÇÃO DAS CARACTERÍSTICAS BÁSICAS DA ORGANIZAÇÃO SOCIOECONÔMICA DE CHAPECÓ**

O estudo da gênese e da estruturação das regiões, conforme Ribeiro (2004), depende indissociavelmente da reconstrução histórica dos diversos processos que movimentaram e limitaram a ação hegemônica. Conforme a autora, as regiões são historicamente produzidas, e há, em cada período de tempo, resistências sociais que coexistem com essa produção: “a *regionalização como fato* encontra-se vinculada aos jogos dinâmicos da disputa de poder, inscritos nas diferentes formas de apropriação (construção e uso) do território” (RIBEIRO, 2004, p. 195, grifos da autora).

Essa regionalização como fato também está relacionada com a regionalização como ferramenta pois, nos dias atuais:

*a região como ferramenta é disputada pelo Estado, pelas corporações e pelos movimentos sociais, sendo também contestada nos conflitos territoriais, relacionados à afirmação, em diferentes escalas, de novos sujeitos e redes sociais, o que pode ser melhor apreendido em áreas de fronteira. (RIBEIRO, 2004, p. 197).*

É desse modo que o conhecimento que provêm da regionalização como ferramenta, depende, indissociavelmente, da interpretação da regionalização como fato, pois é esta que traz a “obrigação do enfrentamento do enigma da regionalização democrática, ou seja, da socialização do direito de estabelecer fronteiras e divisões” (RIBEIRO, 2004, p. 197).

A região hoje consolidada e classificada pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) como Mesorregião Oeste Catarinense compreende 118 municípios, sendo a cidade de Chapecó considerada polo regional. Entretanto, os precedentes históricos desse território, que buscaremos demonstrar em seguida, denotam que esta foi tratada de diferentes formas, envolvendo conflitos diversos e representando, assim, tanto a regionalização como fato quanto a regionalização como ferramenta (RIBEIRO, 2004). Em virtude da inexistência de aglomerados urbanos, optamos por abordar a ocupação da região Oeste catarinense de forma geral, para entendermos a dinâmica e a economia que marcou esta região e que formou as bases cruciais para a industrialização e urbanização de Chapecó.

Assim como os moldes do restante do país, o processo de ocupação do estado de Santa Catarina iniciou nos séculos XVI e XVII, com a ocupação litorânea, através dos povoados de São Francisco do Sul, Florianópolis e Laguna (ANJOS, 2007). O interior do estado, entretanto, somente começou a ser ocupado a partir do século XVIII, com as atividades ligadas ao tropeirismo. Conforme Pertile (2008, p. 34), foram os tropeiros que “possibilitaram a expansão das fronteiras,

criaram vilas e cidades e contribuíram para a integração do país”. Nessa época, o transporte de mercadorias por mulas consistia no principal meio de transporte para longas distâncias, e o Oeste catarinense foi um ponto importante de passagem das tropas que iam do Rio Grande do Sul até os mercados de Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro. Nessa região, algumas vilas e povoados se desenvolveram em função da atividade dos tropeiros que, por realizarem um trajeto extenso, necessitavam realizar pouso em lugares estratégicos da rota (PERTILE, 2008).

Durante este período, o Oeste de Santa Catarina era escassamente povoado, desprovido de estradas, com uma população que vivia isolada em áreas distantes de regiões que processavam transações comerciais, e onde predominava a economia de subsistência – inclusive no trecho mais povoado, a bacia do rio Chapecó (ALBA, 2002). Assim, foram os tropeiros que possibilitaram a apropriação e a colonização de terras catarinenses, estimulando o estabelecimento de pequenos e médios agricultores, que comercializavam seus excedentes agrícolas aos tropeiros que passavam pela região, e conforme Pertile (2008), isso originou uma importante rota de comércio estruturado pela atividade do tropeirismo.

Esse território também foi alvo de disputas territoriais, inicialmente entre Brasil e Argentina, num conflito conhecido como ‘Questão de Palmas’ ou ‘Questão de Misiones’. No ano de 1895, o então presidente dos Estados Unidos Grover Stephen Cleveland assinou um acordo que pôs fim à disputa deste território, determinando a posse brasileira (PERTILE, 2008). Posteriormente, houve a disputa pela região entre os estados do Paraná e Santa Catarina, conflito conhecido como a Guerra do Contestado, que findou em 1915. No ano seguinte, os dois estados assinavam o acordo que pôs fim à questão de limites, ficando Santa Catarina, em 1917, com a parte que lhe coube.

Após o fim da disputa entre Paraná e Santa Catarina, as cidades de Chapecó e Cruzeiro (hoje Joaçaba) foram criadas pelo governo de Santa Catarina, através da lei nº 1.147, de 25 de agosto de 1917. A área definida como município de Chapecó compreendia cerca de 14 mil quilômetros quadrados (Figura 2) e abrangia vários pequenos aglomerados, atendidos pelo então centro administrativo. Conforme Gretzler (2011), o município de Chapecó permaneceu com essa extensão até meados da década de 1950, quando houve a primeira fragmentação do território. Através da Lei nº 133 de 30 de dezembro de 1953, foram criados oito novos municípios: São Miguel do Oeste, Itapiranga, Mondai, Dionísio Cerqueira, Palmitos, São Carlos, Xaxim e Xanxerê.

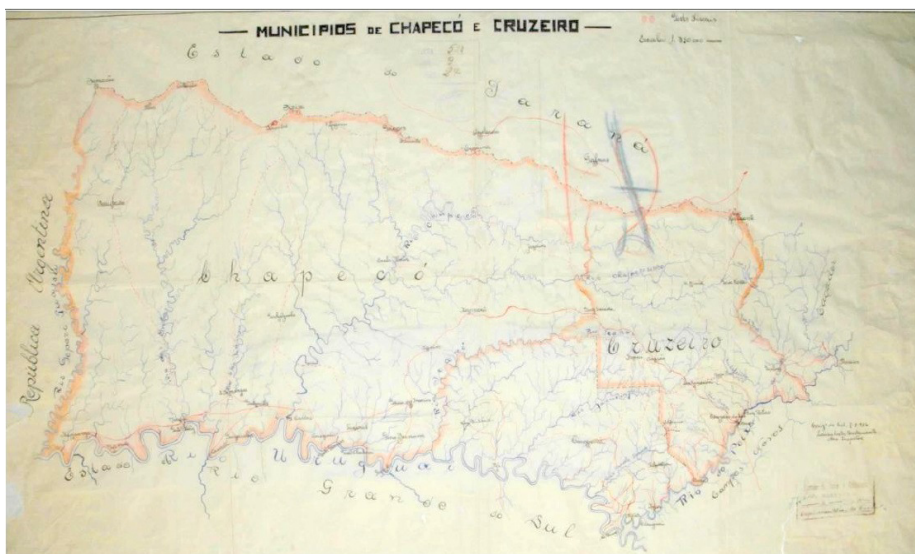


Figura 2 - Municípios de Chapecó e Cruzeiro (SC) – 1936. Fonte: Gretzler, 2011/ Arquivos do CEOM – Unochapecó

Em 1917 teve início também a atuação de empresas colonizadoras na região. Chapecó, portanto:



*pode ser analisada na ótica da expansão capitalista. A história do início de sua colonização fazia parte de um projeto de colonização feito pelo governo estadual que objetivava colonizar todo o Oeste de Santa Catarina, considerado pelas autoridades da época como um vazio demográfico. (ALBA, 2002, p. 15).*

Segundo Alba (2002), até a década de 1940 a colonização do município esteve por conta das empresas colonizadoras, que a partir dos anos 1920 começaram a ocupação do Oeste, trazendo famílias migrantes do Rio Grande do Sul, em grande parte descendentes de italianos e alemães. Destaca-se que antes das ações empreendidas pelas colonizadoras, este local era habitado por índios e caboclos, e que com a atuação das Companhias Colonizadoras foram ‘os primeiros deserdados da terra’ (PERTILE, 2007).

*A instalação de núcleos no Sul começa com a imigração açoriana no século XVIII (1746-48), desdobrando-se por todo o século XIX com alemães e italianos. Entre os objetivos dessa instalação, já o vimos, estão o intuito de povoar a fronteira e iniciar a imigração alternativa ao trabalho escravo, formando, por extensão, uma retaguarda de produção alimentar no país. (MOREIRA, 1990, p. 50).*

A Colonizadora Bertaso, recebendo concessões de terras diretamente do governo, dividia a terra adquirida em lotes de 25 hectares pois, conforme Pertile (2008), a venda de lotes considerados pequenos era mais fácil de ser realizada, em virtude de o tamanho estar relacionado ao respectivo preço. Assim, os lotes poderiam ser adquiridos por um número maior de agricultores, já habituados a vida de poucos recursos – caso de grande parcela das famílias que migravam do Rio Grande do Sul.

*A forma como foi deflagrado o processo de colonização da região (em sua maioria em pequenos lotes) e a evolução da ocupação com a chegada de um número cada vez maior de migrantes resultaram numa estrutura fundiária tendo por base pequenas propriedades trabalhadas pelos membros da família. A predominância da agricultura familiar, portanto, é o que foi se fortalecendo e criando a estrutura fundiária da região, o que caracteriza hoje o atual Oeste catarinense. (ICEPA/SC, 2002). (PERTILE, 2008, p. 63).*

As pequenas propriedades possuíam como característica a agricultura de subsistência, onde eram produzidos produtos como arroz, feijão, mandioca, milho, trigo, e a criação de suínos e aves ‘a solta’, ou seja, nas proximidades da casa (PERTILE, 2008). Além destes produtos, Espindola (1999) destaca também a extração de madeira, a colheita de erva-mate e o plantio de alfafa, os quais eram destinados à venda nos mercados locais e nacionais, como São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná e para o país vizinho Argentina.

O crescimento da demanda nos grandes centros processadores de carne (Rio Grande do Sul, Paraná e São Paulo) fez com que os produtores familiares que habitavam a região aumentassem sua produção, concomitantemente aos incentivos para a criação de suínos (HENTZ, 2014). Consequentemente, a produção de suínos tornou-se a atividade comercial mais importante da região, aproveitando a organização produtiva familiar pré-existente – que se constituiu e se consolidou como a base da economia regional –, como destacam Espindola (1999) e Pertile (2008).

A cidade nessa época, segundo Alba (2002), não passava de uma pequena vila, e sua função estava restrita a atender as necessidades imediatas da população, que se encontrava muito dispersa. Apesar disso, Peluso Júnior (1991) ressalta que a superioridade do município em relação às demais aglomerações era manifesta,

e a existência em Chapecó da autoridade municipal era fator de progressão da cidade, pois além das estradas da colonização, o município procurava ligar a sede à sua hinterlândia, através de investimentos em infraestrutura. A sua clientela não ia muito além dos limites do seu distrito, mas a sua área era a mais rica, sendo sua renda estadual em 1938 a maior da região Oeste. As atividades, conforme Alba (2002), não iam muito além do comércio de produtos de primeira necessidade, haviam casas de secos e molhados onde os agricultores vendiam seus excedentes e compravam o que necessitavam para o consumo próprio.

Foi esse meio político, econômico e social, portanto, que caracterizou o início da ocupação do Oeste do estado de Santa Catarina e a formação do município de Chapecó. O período que vai do início do século XVIII até a década de 1940, portanto, compreende a primeira fase da estruturação do município de Chapecó onde os principais agentes que ditaram as características regionais e locais foram os tropeiros, o Estado (através dos governos federal e estadual) e as empresas colonizadoras. Estas características, como buscamos demonstrar, foram essenciais na constituição socioeconômica da região. Contudo, em um viés econômico, este primeiro momento não propiciou um acúmulo capaz de gerar um desenvolvimento regular, pois a circulação de capital não era expressiva, haja vista a ausência de infraestruturas. Com o início da atividade agroindustrial, na década de 1950, mudanças significativas passam a marcar essa região, com respaldo também na estruturação do espaço urbano de Chapecó, marcando um novo período em nossa análise.

### **A IMPLANTAÇÃO DA INDÚSTRIA MODERNA E O INÍCIO DA OPERAÇÃO DAS AGROINDÚSTRIAS NO MUNICÍPIO**

A partir da década de 1950, transformações significativas passaram a ocorrer no município de Chapecó. A produção de suínos, que já se destacava no período anterior, passa a adquirir novas formas, em virtude do aparecimento dos

primeiros frigoríficos na cidade. O segundo período, desse modo, tem como marco a implantação da indústria moderna e o início das operações das primeiras agroindústrias em Chapecó.

De acordo com Pertile (2007, p. 158), a comercialização dos excedentes pelos agricultores,

*foi o que possibilitou aos comerciantes constituírem seu capital inicial, contribuindo para o desenvolvimento da cidade de Chapecó em seus primórdios. Posteriormente, os frigoríficos começaram a se destacar como principais agentes produtores do espaço urbano de Chapecó e também do espaço agrário em seu entorno e diversos municípios do Oeste Catarinense.*

O setor agroindustrial passou a adquirir expressividade a partir da década de 1950, como resultado da acumulação de capital de alguns comerciantes que faziam a intermediação entre os produtores de suínos e as agroindústrias processadoras de carne situadas em outras regiões do país. Diante do crescimento sistemático da produção de matéria-prima, conforme Hentz, Oliveira e Batella (2013), alguns desses comerciantes começaram a vislumbrar no processamento industrial de carnes uma excelente oportunidade de investimento.

Outro fator importante, nesse contexto, é o processo de modernização da agricultura, implementado a partir de meados da década de 1960 e que resultou em novas formas de produzir e viver no campo. Ao adquirir novas funções, sobretudo pela expansão do agronegócio exportador, o processo de modernização da agricultura alterou profundamente as formas de produção agrícola nas diferentes regiões brasileiras (HENTZ, OLIVEIRA, BATELLA, 2013).

A crise pós-expansão industrial do período de Juscelino Kubitschek (1956-

1961), também foi importante no desenvolvimento econômico de algumas cidades do Oeste de Santa Catarina. De acordo com Hentz, Oliveira e Batella (2013, p. 46)

o setor avícola começou a se consolidar regionalmente pautado na produção de frangos, ultrapassando o setor de suínos, face à queda do poder aquisitivo da população que passa a substituir progressivamente o consumo de carnes bovinas e suínas - por serem produtos de valor mais elevado - pelo consumo de carnes de aves. Assim, as agroindústrias se aproveitam desse panorama econômico favorável e passam a investir massivamente na produção de aves, potencializando no mercado uma opção menos onerosa ao consumo alimentar dos brasileiros.

Com o desenvolvimento das primeiras agroindústrias no município, o sistema de integração utilizado até o momento de modo informal, passou a ser regulado por normas ditadas pelas agroindústrias. “A ideia central contida nesse sistema de produção é o da garantia de fornecimento de matéria-prima homogênea e de qualidade, produzida pelos produtores rurais para a indústria processadora” (PERTILE, 2008, p. 98). Por meio de acordos entre integrados e integradores, os arranjos produtivos ditados pela indústria processadora formaram ‘extensos’. Esse termo, utilizado por Santos (1986, p. 25) como “um conceito representativo de construções humanas na superfície terrestre, cuja natureza (das construções) é essencialmente ideológica” representa, em nossa análise, como a agroindústria é capaz, através de normas, de ditar e organizar formas espaciais que se articulam entre si, impondo transformações não somente onde a indústria está localizada, mas sobre toda a região, particularmente no espaço agrário que está sob sua influência.

O desenvolvimento da força produtiva da agroindústria, dessa forma, gerou um processo de polarização, ou seja, tomou a conotação de ‘campo de forças’. Pois, conforme Brandão (2007), as centralidades desigualmente distribuídas no espaço fundam-se em estruturas dominantes que detém o poder de atração por pontos nodais, capazes de exercer uma hierarquia do tipo centro-periferia.

Sob a polarização das agroindústrias temos, assim, uma vasta área no entorno da cidade de Chapecó e no espaço agrário da região que, através de normas técnicas, está articulada e subordinada às agroindústrias.

Nessa conjuntura, Gottdiener (1993) destaca que na obra ‘Grundrisse’, Marx (1973) revelava a relação entre a cidade e o campo como sendo dependente de um subcampo de relações que denominou de moderna propriedade fundiária. Conforme Gottdiener (1993, p. 203),

*a extensão das relações capitalistas à agricultura era uma pré-condição necessária do crescimento urbano. Sem ela, as fábricas da cidade não teriam desfrutado de uma força de trabalho com superabundância de trabalhadores, nem a força de trabalho teria sido produzida dentro das cidades na escala necessária para a expansão industrial.*

No espaço urbano de Chapecó, com o impulso dado pelas primeiras indústrias que surgiram no município, mudanças significativas começaram a ocorrer a partir dos anos 1950. A começar pelo aumento populacional, que em 1940 era de 44.237 habitantes e em 1950 passou para 96.604 habitantes, representando um crescimento de 117, 93% (tabela 1). Ademais, segundo Alba (2002), apesar da indústria madeireira ser a mais representativa (14 estabelecimentos em 1954), surgiram naquele momento outros ramos de produção (7 estabelecimentos em 1954), entre elas a Indústria e Comércio Chapecó – SAIC instalada em 1952, que “marcava a implantação da indústria moderna e a ‘semente’ da agroindústria no município” (ALBA, 2002, p. 25), iniciando suas atividades de forma bem modesta, e tornando-se posteriormente um dos maiores frigoríficos de Chapecó. No final da década de 1950 e início de 1960, as agroindústrias Sadia, Perdigão, Coopercentral, Seara e SAIC já firmavam como as maiores do estado de Santa Catarina.

Tabela 1: Variação Populacional do Município de Chapecó-SC

|             | URBANA  |        | RURAL  |        | TOTAL   | CRESCIMENTO |
|-------------|---------|--------|--------|--------|---------|-------------|
| <b>1940</b> | 4.128   | 9,31%  | 40.199 | 90,69% | 44.327  |             |
| <b>1950</b> | 9.736   | 10,08% | 86.868 | 89,92% | 96.604  | 117,93%     |
| <b>1960</b> | 10.939  | 21,00% | 41.150 | 79,00% | 52.089  | -46,08%     |
| <b>1970</b> | 20.591  | 41,09% | 29.526 | 58,91% | 50.117  | -3,79%      |
| <b>1980</b> | 55.226  | 65,92% | 28.546 | 34,08% | 83.772  | 67,15%      |
| <b>1991</b> | 96.751  | 78,63% | 26.299 | 21,37% | 123.050 | 46,89%      |
| <b>2000</b> | 134.592 | 91,58% | 12.375 | 8,42%  | 146.967 | 19,44%      |
| <b>2010</b> | 168.113 | 91,60% | 15.417 | 8,40%  | 183.530 | 24,88%      |

Fonte: IBGE, censos demográficos (1940 a 2010).

Ainda no início da década de 1950, a cidade de Chapecó sediava o Departamento de Estradas e Rodagens (DER), órgão estadual fundamental para viabilizar a abertura e manutenção de estradas (PERTILE, 2007). Na época, fazia-se de extrema importância a atuação desse órgão nesta região, por permitir fazer a ligação de Chapecó com as principais cidades do Sul do Brasil e da Argentina, facilitando o escoamento da produção.

Para Corrêa (1989), o espaço urbano capitalista é um produto social que resulta da acumulação de ações historicamente produzidas e engendradas por agentes que produzem e consomem o espaço. A ação desses agentes, de acordo com o autor, é complexa, e deriva da acumulação de capital, das necessidades mutáveis de reprodução das relações de produção e dos conflitos de classe. O desenvolvimento do espaço urbano de Chapecó, nesse contexto, resulta em grande medida das ações desempenhadas pela agroindústria. Visando a competitividade no mercado nacional e internacional, as agroindústrias passaram a alterar o espaço urbano, tanto no que se refere a implantação de infraestrutura para permitir seu desenvolvimento, quanto no incremento de outras atividades

econômicas para atender suas demandas.

Em 1960, o município já apresentava importante participação comercial em Santa Catarina e principalmente na região Oeste. O escoamento dos produtos exigia melhorias e novas vias de acesso ao município, fazendo com que o Governo Estadual instalasse, em 1963, a Secretaria de Estado de Negócios do Oeste no município, permitindo com isso maiores investimentos em infraestrutura urbana e rural, como pavimentação das estradas, construção de pontes, instalação de energia elétrica, telefonia e canalização de tratamento de água, entre outros (PERTILE, 2007).

Apesar do município adquirir novas funções e de apresentar um aumento populacional significativo, como podemos observar na tabela 01, na década de 1950, dos 96.604 habitantes, 89,92% ainda residiam no meio rural. Até 1970, a maioria da população residia no campo, passando a ser maioria urbana a partir da década de 1980. Destacamos aqui que as taxas negativas de crescimento populacional das décadas de 1960 e 1970 se devem à emancipação de alguns municípios que pertenciam à Chapecó. Após a década de 1970, entretanto, uma nova dinâmica espacial passa a ordenar o desenvolvimento do espaço urbano de Chapecó, e em nossa análise, representa um novo período temporal.

## **DA PRODUÇÃO LOCAL À PROJEÇÃO MUNDIAL: AS AGROINDÚSTRIAS COMO CARRO-CHEFE DO DESENVOLVIMENTO URBANO E REGIONAL**

Na década de 1970, o setor agrícola brasileiro assumiu uma nova e importante função. Segundo Pertile (2008), além de produtor de alimentos e matérias primas, o setor também começou a incorporar parcela da indústria de maquinários voltados à agricultura, subsidiada pela política de crédito rural – que objetivava



a modernização do setor agropecuário brasileiro. Entre as transformações resultantes desse processo, observa-se a alteração na estrutura industrial, em virtude dos avanços tecnológicos e da internacionalização da economia.

Nesse contexto, o estado de Santa Catarina criou um conjunto de assistência técnica juntamente com programas de crédito voltados à agricultura. Conforme Pertile (2008, p.128):

*O objetivo dos Governos era difundir as inovações tecnológicas com a finalidade de aumentar a produção e a produtividade agropecuária para atender ao mercado consumidor que, a partir desse momento, estava crescendo e diversificando-se, especialmente nas áreas urbanas.*

O fenômeno da globalização, que também impôs transformações nas relações espaciais, só foi possível, conforme Castillo e Frederico (2010, p. 462), através de uma “base geográfica, constituída por uma esfera material e uma esfera normativa na escala mundial”. As agroindústrias, que passaram a compor, a partir da década de 1970, o conjunto das grandes empresas de Santa Catarina, assim, integram parcelas descontínuas do espaço geográfico que constituem objeto de seus interesses. Segundo Pertile (2008), a atuação das agroindústrias somente se tornou possível por intermédio das redes técnicas que permitiram a articulação destas com outras parcelas do espaço geográfico.

*Se por um lado, as diversas etapas do processo capitalista se tornaram cada vez mais dispersas no território, por outro, estão cada vez mais articuladas pelas políticas das empresas, sobretudo as grandes, através da modernização e da expansão de redes técnicas de informação, portadoras de ordens, mensagens, capitais. (CASTILLO, FREDERICO, 2010, p. 464).*

Através da dinâmica orientada pela competitividade imposta às agroindústrias, o espaço urbano de Chapecó também foi sendo estruturado para atender a essa demanda, o que o diferenciou dos demais centros urbanos do Oeste de Santa Catarina. Além disso, conforme Pertile (2008), a presença das agroindústrias, juntamente com a estrutura produtiva agrária/urbana regional frágil e o sistema agroindustrial de produção desigual implantado na região, houve um incentivo no processo migratório campo-cidade, que determinou grandes impactos na estrutura urbana do município. Nessa conjuntura,

*As dinâmicas da globalização não apagam os restos do passado, mas modificam seu significado e acrescentam, ao já existente, novos objetos e novas ações características do nosso tempo [...]. Reformulam-se os papéis das antigas cidades mas também das mais recentes e, em definitivo, transforma-se a rede urbana, geralmente com certo abandono de funções ligadas ao abastecimento da população e com a implantação de funções para o abastecimento de atividades modernas. (SILVEIRA, 2010, p. 77).*

A atividade agroindustrial foi a principal responsável tanto pelo desenvolvimento econômico de Chapecó, quanto pelo seu processo de urbanização acelerado. O quadro demográfico do município também sofreu alterações: entre as décadas de 1970 e 1980 a taxa de crescimento da população total foi de 67,15%, enquanto a população urbana passou de 41,09% para 65,92% (tabela 1). Além disso, desde a década de 1970, destaca Pertile (2008), o setor agroindustrial é o maior contribuinte na arrecadação do município, assim como absorve parte considerável da mão de obra da cidade.

Através das relações capitalistas, adaptadas às especificidades do lugar, foi possível a acumulação e a concentração do capital necessário para

desenvolvimento das agroindústrias em Chapecó. Após os anos 1970,

*o novo toma mais sentido em Chapecó, quando o capital, através da hegemonia da agroindústria, já pode submeter à agroindústria, o mercado e suas leis, que já não são mais locais, pois forças externas atuam fazendo-os adaptarem-se, nos últimos anos, a mais uma etapa de internacionalização do capital. Conflituosamente foi surgindo um novo espaço de contradições: [...] de um lado as vitrines dos luxos burgueses e do outro a vitrine da pobreza, da miséria dos espúrios da sociedade, dos excluídos do processo produtivo. (ALBA, 2002, p. 34).*

A acumulação capitalista que resultou nesta nova dinâmica espacial também esteve estritamente ligada a uma intervenção política e econômica de grupos que se desenvolveram. Esta intervenção política, através de instituições, reuniu juntamente a acumulação da riqueza e do saber. A acumulação do Saber, segundo Alba (2002), esteve centralizada nas diferentes instituições criadas pelo Estado com o objetivo de pesquisar e desenvolver técnicas de produção, principalmente agrícola. Isto possibilitou diretamente a acumulação de riqueza por parte das agroindústrias que “se apropriaram desse saber e, principalmente, dos resultados do mesmo; incrementaram sua produção e sua produtividade e, conseqüentemente, seu capital e seu poder de concentração e centralização” (ALBA, 2002, p.42).

O Estado, através de suas instituições, possibilitou a reprodução da base necessária ao capitalismo. Desse modo, a reprodução do espaço agrícola foi adequada às novas necessidades das agroindústrias, e no urbano, houve a demanda por diferentes produtos que, por conseguinte, demandaram ações do Estado no que se refere a equipar os espaços de infraestrutura necessária, como

eletrificação, água, esgoto, ruas, asfalto, etc. (ALBA, 2002), dando novo impulso à estruturação do espaço urbano de Chapecó.

Com o aumento do consumo interno e a instalação de infraestrutura que capacitou o desenvolvimento das agroindústrias, outras indústrias se desenvolveram visando suprir as necessidades desses complexos agroindustriais, bem como para atender ao mercado de maneira geral. Esse processo acentuou-se a partir da década de 1980, quando as empresas passaram a incorporar o processo de desverticalização empresarial, processo esse que repercutiu diretamente no desenvolvimento de novas empresas que visaram atender às demandas das empresas maiores (ALBA, 2002).

Nessa nova estrutura de produção, o que nos chama atenção, segundo Alba (2002), é a complexa expulsão de milhares de agricultores do campo e a concentração de capital por parte das agroindústrias. Ainda segundo a autora, essa expansão agroindustrial fez de Chapecó um polo atrativo de mão de obra, que não derivou somente do meio rural do próprio município, mas de toda região Oeste e dos estados vizinhos, Paraná e Rio Grande do Sul.

*As agroindústrias em Chapecó podem ser consideradas o ‘carro-chefe’ do desenvolvimento econômico do município e de boa parte da região. Elas formaram um sistema hegemônico regional de produção, determinando a estrutura urbana e principalmente o rural, com o objetivo de garantir o seu funcionamento e atender à demanda por elas criadas. (ALBA, 2002, p. 125, grifos da autora).*

Esse suposto desenvolvimento de Chapecó como centro regional e a ampliação de seus equipamentos funcionais destacaram ainda mais a importância da cidade, que com o seu crescimento tornou-se mais exigente: “não são apenas os bens e serviços que ficaram mais sofisticados, visto que a própria cidade exige

maiores cuidados” (PELUSO JÚNIOR, 1991, p. 307). Nas palavras do autor, “a grosseira e tosca cidade colonial transformou-se no moderno centro regional que se industrializa” (PELUSO JÚNIOR, 1991, p. 307). O urbano de Chapecó, portanto, cresceu significativamente nesse período, com grandes melhorias na infraestrutura urbana.

O aumento populacional e o notável desenvolvimento de suas funções urbanas, notadamente a partir da década de 1970, juntamente com a expansão do agronegócio processador de carnes, reforçaram a centralidade de Chapecó, como ressalta estudo feito por Peluso Júnior (1991). Desse período até os dias atuais, essa tendência de ampliação das funções urbanas tem marcado o espaço urbano de Chapecó, e o que observamos hoje é que as agroindústrias tiveram (e ainda tem) um papel de destaque no município. A dinâmica que o espaço urbano apresenta hodiernamente é reflexo de uma cidade que foi paulatinamente sendo equipada em função da agroindústria, que ditou o crescimento econômico do município, atraindo novas empresas, dinamizando e potencializando também o comércio e os serviços que ali se desenvolveram.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O espaço urbano de Chapecó, como buscamos demonstrar, foi formado tendo por base uma região agrícola que aos poucos foi sendo equipada em razão das necessidades da agroindústria e que, com o auxílio de intervenções diretas do Estado, permitiu projetar a cidade de Chapecó no contexto regional, nacional e mundial.

Como mostramos, foi no primeiro período da história da formação do espaço geográfico da região Oeste de Santa Catarina que emergiu a organização produtiva familiar, fundamental para o desenvolvimento das agroindústrias

nos períodos posteriores. Nesse período (século XVIII a 1940), que teve como recorte espacial toda a região Oeste, descrevemos também como teve início a ocupação, os conflitos territoriais e a criação do município, juntamente com a atuação de projetos do governo estadual para a colonização dessa região.

No segundo período, assim, mostramos os fatores de ordem vertical que interferiram na produção do espaço geográfico do município. Ganha destaque, nesse sentido, a modernização da agricultura e a crise pós-industrial, momento em que os comerciantes, dispendo de capital, vislumbraram no processamento industrial de carnes uma excelente oportunidade de investimentos. Surgiram, assim, as primeiras agroindústrias no município, iniciando suas atividades de forma bem modesta e tornando-se, mais tarde, as mais importantes do estado.

A partir da década de 1970, último período de nossa análise, é que o espaço urbano de Chapecó ganha novas dimensões. O aumento no número de pessoas residindo na área urbana do município decorreu, principalmente, dos pequenos agricultores do campo que foram excluídos do processo produtivo imposto pelas indústrias processadoras de carnes. Além disso, observamos uma verdadeira teia de relações entre as agroindústrias e as novas empresas criadas para atender a esse segmento, juntamente com a multiplicação dos estabelecimentos comerciais e de serviços.

A relação entre o espaço urbano e o espaço rural do município, nesse contexto, intensificada pela reestruturação produtiva agrícola, possibilitou o desenvolvimento de várias outras empresas, tornando esse espaço somente urbano devido à presença do rural diretamente integrado com ele. Com as novas transformações impostas principalmente pelo fenômeno da globalização, Chapecó, na mesma proporção que é obrigada a se adequar à essas novas exigências, também produz o seu cotidiano, revelando suas especificidades.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- ALBA, R. S. **Espaço urbano**: os agentes da produção em Chapecó. Chapecó: Argos, 2002.
- ANJOS, F. O sistema urbano multipolarizado de Santa Catarina. In: SPOSITO, M. E. B. (Org.) **Cidades médias**: espaços em transição. São Paulo: Expressão Popular, 2007. p. 23-34.
- BRANDÃO, C. **Território & desenvolvimento**: as múltiplas escalas entre o local e o global. Campinas: Ed. Unicamp, 2007.
- CASTILLO, R.; FREDERICO, S. Espaço geográfico, produção e movimento: uma reflexão sobre o conceito de circuito espacial produtivo. **Sociedade & Natureza**. Uberlândia, v.22, n.3, p.416-474, 2010. Disponível em: < <http://www.seer.ufu.br/index.php/sociedadenatureza/article/view/11336>> Acesso em: 21 jul. 2017.
- CORRÊA, R. L. **O espaço urbano**. São Paulo: Editora Ática, 1989.
- ESPÍNDOLA, C. J. **As agroindústrias no Brasil**: o caso Sadia. Chapecó: Grifos, 1999.
- GOTTDIENER, M. **A produção social do espaço urbano**. Tradução Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1993.
- GRETZLER, C. **Chapecó (SC) para além de pólo regional, uma cidade média no oeste catarinense**. 2011. 186 f. Dissertação. (Mestrado em Geografia) – UFRGS, Porto Alegre, 2011.
- HENTZ, C. **O agronegócio no oeste catarinense e seus desdobramentos no consumo produtivo na cidade de Chapecó-SC**. 2014, 71f. Monografia (Graduação em Geografia) – Universidade Federal da Fronteira Sul. Chapecó, 2014.
- HENTZ, C.; OLIVEIRA, A. R.; BATELLA, W. B. Modernização agrícola, integração agroindustrial e políticas públicas de desenvolvimento rural no Oeste de Santa Catarina. **Caderno Prudentino de Geografia**, v. 1, p. 41-59, 2013. Disponível em: <<http://revista.fct.unesp.br/index.php/cpg/article/view/2086/2409>> Acesso em: 21 jul. 2017.

- IBGE CIDADES. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso em 10 nov. 2014.
- MIOR, L.C. Agricultura familiar, agroindústria e desenvolvimento territorial. In: Colóquio internacional de desenvolvimento rural sustentável. 22-25 ago, 2007, Florianópolis, **Anais...** Florianópolis, 2007, p. 1-15. Disponível em: <<http://nmd.ufsc.br/>> Acesso em: 20 de março de 2017.
- MOREIRA, R. **Formação do espaço agrário brasileiro**. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- PELUSO JÚNIOR, V. A. **Estudos de Geografia Urbana de Santa Catarina**. Florianópolis: Ed. da UFSC: Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte, 1991.
- PERTILE, N. Espaço, técnica e tempo em Chapecó – SC. In: SCHEIBE, L. F.; DORFMAN, A. **Ensaio a partir de “a natureza do espaço”**. Florianópolis: Fundação Boiteux, 2007. p. 153 - 178.
- PERTILE, N. **Formação do espaço agroindustrial em Santa Catarina: o processo de produção de carnes no Oeste catarinense**. 2008.322f. Tese (Doutorado em Geografia). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2008.
- RIBEIRO, A. C. T. Regionalização: fato e ferramenta. In: LIMONAD, E.; HAESBAERT, R.; MOREIRA, R. (Org.). **Brasil, século XXI: por uma nova regionalização? agentes, processos e escalas** Rio de Janeiro: Max Limonad/CNPq, 2004. p.194-212.
- SANTOS, C. O conceito de extenso (ou a construção ideológica do espaço geográfico). In: BARRIOS, S., et. al. (Ed.). **A construção do espaço**. São Paulo, Nobel, 1986. p.25-31.
- SANTOS, M. **A natureza do espaço**. técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo, Hucitec, 1996.
- SILVEIRA, M. L. Região e globalização: pensando um esquema de análise. **Redes**. Santa Cruz do Sul. v. 15, p. 74-88, 2010. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/redes/article/view/1360>> Acesso em 21 jul.2017.



SILVEIRA, M. L. Uma situação geográfica: do método à metodologia. **Revista Território**. Rio de Janeiro. ano VI, n.6, p.21-28, 1999. Disponível em: <[http://www.revistaterritorio.com.br/pdf/06\\_3\\_silveira.pdf](http://www.revistaterritorio.com.br/pdf/06_3_silveira.pdf)> Acesso em: 21 jul. 2017.